

Conclusão

A análise da coluna “Versão Brasileira” e o percurso teórico feitos nesta dissertação objetivaram ampliar o conhecimento acerca da crítica de traduções em sua teoria e prática.

No campo teórico, verifica-se que no Brasil houve pouco desenvolvimento nessa área específica e que no campo da prática, a situação não é diferente.

Inicialmente discuti alguns termos relacionados à crítica de tradução, para situar o entendimento que teríamos neste trabalho acerca de alguns termos como “avaliação”, “crítica”, “resenha”, “crítica de tradução” e “tradução literária”.

Em seguida, foram apresentadas algumas teorizações sobre a qualidade de traduções, com especial destaque para as da tradição formada por Schleiermacher (2001), Berman (2002, 2007) e Venuti (1995) e as suas visões diante das atitudes tradutórias que privilegiam ou apagam o estrangeiro. Além disso, foram brevemente apresentadas algumas abordagens à avaliação da qualidade das traduções, segundo a *Routledge encyclopedia of Translation Studies*.

Os modelos para a crítica de traduções elaborados por Reiss (2000), House (1981, 1997) e Berman (1995) foram descritos a seguir. O modelo de Reiss orienta a atividade crítica tendo por base uma classificação textual funcionalista, de acordo com a qual a tradução deve ou não se afastar do seu original. O modelo funcionalista-pragmático de House avalia a qualidade das traduções por meio da comparação dos perfis textuais do original e da tradução — foram destacados os conceitos de tradução velada e tradução manifesta desenvolvidos pela autora. Por fim, o modelo de Berman faz um cotejo entre as zonas textuais problemáticas e miraculosas da tradução com as zonas significativas do original, além de considerar o tradutor e a recepção da tradução como partes integrantes da crítica.

Do estudo dos modelos, alguns princípios foram encontrados. O principal deles é que, de acordo com seus autores, uma boa crítica de traduções deve primeiramente caracterizar o original e a tradução para que se proceda a um cotejo

dos dois e se estabeleça o grau de fidelidade/equivalência entre eles. Além disso, os modelos defendem que, na crítica de traduções, é importante: a) considerar aspectos subjetivos relativos ao tradutor e ao crítico que participam do processo e b) distinguir as traduções de outros tipos de reescrita (como a adaptação), pois a cada um aplicam-se princípios de avaliação diferentes.

Os três teóricos defendem para os textos literários uma tradução que privilegia a cultura de partida, mas aceitam que seja feita uma tradução voltada para a cultura de chegada em caso de textos informativos.

Tendo tomado conhecimento dessas orientações, fiz um breve estudo das críticas de traduções literárias publicadas no Brasil. Nesse momento concentrei-me em apresentar os trabalhos críticos de Paulo Rónai e de Agenor Soares de Moura, os quais, consideradas as especificidades contextuais de cada uma, são ótimos exemplos de como a crítica de traduções já foi realizada no Brasil.

Com base nas informações obtidas nessas práticas somadas aos estudos teóricos fiz uma análise das 38 edições da coluna “Versão Brasileira” publicadas até janeiro de 2009 na revista *Língua Portuguesa*. Acredito que essas críticas possam ser caracterizadas como críticas de tradução híbridas, conforme a classificação proposta por Cardozo (2007), pois unem informações literárias sobre a obra original à crítica de suas traduções.

A análise revelou que, de modo geral, a coluna contempla alguns pontos dos modelos de avaliação de tradução de Reiss (2000), House (1981, 1997) e Berman (1995), ainda que seu autor, o professor Gabriel Perissé, aparentemente desconheça esses modelos. Ele faz um cotejo entre original e tradução; avalia a fidelidade das traduções; oferece espaço para o tradutor; faz a distinção entre traduções e adaptações; e privilegia uma tradução que preserve os elementos do original (especialmente no que tange ao estilo e à intenção do autor).

Além disso, ecoando a estudiosa Ivone Benedetti, posso afirmar que o crítico Gabriel Perissé ultrapassa “o nível elementar da busca do erro ou do acerto lexical, o nível elementar da crítica como condenação” (2005, p.72). Os posicionamentos e afirmações de Perissé, além das várias referências que faz, sobretudo, a estudiosos da Literatura, mas também da Tradução e áreas afins, mostram que sua visão acerca da tradução não é ingênua. E talvez por isso, mesmo não declarando quais seriam os seus pressupostos teóricos, ele desenvolveu uma “metodologia” crítica que atende vários princípios apresentados

por Reiss (2000), House (1981, 1997) e Berman (1995) em seus modelos e que apresenta o fenômeno da tradução de forma competente e inteligente.

A crítica desenvolvida na “Versão Brasileira” é muito interessante, com informações que abrangem diversos tópicos relacionados à tradução de uma obra como a copidescagem, traduções indiretas, adaptações, influências do cinema e da televisão, interferência da língua do original na tradução, omissões, edições, projetos de tradução, especificidades das traduções de poemas, entre outras. Essa riqueza de informações torna a crítica da “Versão Brasileira” um espaço para discutir a qualidade das traduções e conhecer questões ligadas a elas. Com os textos escritos por Perissé, o leitor se familiariza com os desafios que envolvem uma tradução, o que contribui para que ele fique mais atento à qualidade tradutória das traduções que lê.

Acredito que isso ocorra porque Perissé adota uma postura positiva em suas críticas, comentando não somente os desacertos, mas, principalmente, as qualidades dos trabalhos de cada tradutor. Além disso, Perissé ressalta aspectos envolvidos na tradução de cada obra, mostrando a diversidade de desafios encontrados pelo tradutor a cada trabalho. A sua avaliação, mesmo quando indica a ocorrência de um erro ou sugere alternativas que poderiam ser mais adequadas, não pretende ser uma palavra definitiva em relação às escolhas feitas pelos tradutores.

Com a análise, também comprovei que essa coluna, escrita mais de trinta anos depois da inauguração oficial dos Estudos da Tradução, incorpora princípios desenvolvidos pelos estudiosos da área durante esse tempo e garante um espaço de visibilidade para a atividade de tradução.

Com a idéia de “fidelidade criativa” ao original, o crítico defende que o tradutor deve sempre respeitar o original e o autor (sua intenção e estilo), mas que também há um espaço reservado para a “criatividade” do tradutor, para o “tempero” dado por ele. Essa idéia o alinha com estudiosos que assumem “que traduzir é sempre transformar”, mas que também indicam “a existência de limites para tal transformação” (Frota & Martins, 2007, p.1). Para Perissé (2009), o “tradutor tem a responsabilidade de manter-se na corda bamba, entre ‘fidelidade criativa’ e ‘criatividade infiel’” e deve encontrar a medida para que obtenha uma tradução de qualidade, temperada “com os condimentos discretos” de seu conhecimento pessoal.

Mas não somente isso, as críticas da “Versão Brasileira” têm, a meu ver, como principal mérito convidar o leitor a participar da crítica, oferecendo à sua apreciação um trecho do original e de algumas de suas traduções. Essa postura permite que o leitor seja também ele um crítico das traduções que são apresentadas na coluna e que desenvolva o seu próprio potencial a fim de que possa criticar as traduções que lê.

Com tudo isso, concluo que a “Versão Brasileira” apresenta uma crítica que propicia a aproximação entre os leitores e a atividade de traduzir, além de apresentar princípios discutidos nos referenciais teóricos apresentados neste estudo.

Nesta dissertação foram apresentados ou comentados de forma panorâmica aspectos teóricos e práticos da crítica de traduções. Várias questões podem ser aprofundadas em investigações futuras, dentre as quais destaco: o tratamento crítico que é dado aos textos poéticos na “Versão Brasileira”; a possibilidade da crítica de adaptações; a noção de fidelidade criativa apresentada por Perissé; e a patronagem realizada pelas críticas com as escolhas das obras e das traduções que figuram na coluna. Os referenciais teóricos desta dissertação também podem, em outra oportunidade, ser adotados para análise de críticas realizadas nos contextos editorial e acadêmico. Desse modo, a atividade de crítica poderá ser comparada em suas diversas modalidades.

Acredito que o estudo aqui apresentado tenha contribuído para ampliar o conhecimento sobre a crítica de traduções em sua teoria e prática, sobretudo por ter-se debruçado, pela primeira vez, sobre a coluna “Versão Brasileira”. Esta tem contribuído para os Estudos da Tradução com o trabalho de crítica de traduções literárias desenvolvido por Gabriel Perissé, o qual a meu ver está escrevendo mais um dos significativos capítulos da tradução e em particular da crítica tradutória em nosso país.